

CONFIANÇA E MEDO NA CIDADE

Livros do autor publicados por esta editora:

- . Amor líquido
- . A arte da vida
- . Comunidade
- . Confiança e medo na cidade
- . Em busca da política
- . Europa
- . Globalização: as conseqüências humanas
- . Identidade
- . Medo líquido
- . O mal-estar da pós-modernidade
- . Modernidade e ambivalência
- . Modernidade e Holocausto
- . Modernidade líquida
- . Tempos líquidos
- . A sociedade individualizada
- . Vidas desperdiçadas
- . Vida líquida
- . Vida para consumo

Zygmunt Bauman

CONFIANÇA E MEDO NA CIDADE

Tradução:
Eliana Aguiar



ZAHAR

Rio de Janeiro

Título original:
Fiducia e paura nella città

Tradução autorizada da primeira edição italiana,
publicada em 2005 por Bruno Mondadori,
de Turim, Itália

Copyright © 2005, Zygmunt Bauman

Copyright da edição brasileira © 2009:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B341c Bauman, Zygmunt, 1925-
Confiança e medo na cidade / Zygmunt Bauman; tradução Eliana
Aguiar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Tradução de: *Fiducia e paura nella città*
ISBN 978-85-378-0122-2

1. Cidades e vilas. 2. Vida urbana – Aspectos sociais. 3. Globalização – Aspectos sociais. 4. Confiança – Aspectos sociais. 5. Medo – Aspectos sociais. 6. Pós-modernismo – Aspectos sociais. I. Título.

09-0223

CDD: 307.76
CDU: 316.335.56

· Sumário ·

Bauman e o destino das cidades globais, <i>por Mauro Magatti</i>	7
1. Confiança e medo na cidade	13
2. Buscar abrigo na caixa de Pandora: medo e incerteza na vida urbana	52
3. Viver com estrangeiros	74
<i>Notas</i>	91

Bauman e o destino das cidades globais

Conhecido como um autor capaz de chegar ao essencial em poucas páginas, Bauman não desmente a fama. Nos breves ensaios aqui reunidos, ele apresenta uma leitura perspicaz da situação em que se encontram as “cidades globais”.

Em substância, o sociólogo polonês traça, nas páginas deste livro, as linhas fundamentais daquilo que se pode considerar a dinâmica básica em torno da qual giram as principais cidades do mundo. Uma espécie de destino que parece indicar o futuro.

É possível resumir em poucas palavras os elementos centrais de seu raciocínio: as cidades globais entraram numa nova fase histórica, inaugurada no fim do século XX. Por diversas razões, essas áreas são o epicentro das transformações em curso e, como tal, constituem obser-

vatórios particularmente importantes para compreender tudo o que está acontecendo.

Em síntese, a transformação nasce dos efeitos produzidos por um duplo movimento: por um lado, é nas grandes áreas urbanas que se concentram as funções mais avançadas do capitalismo, que tem se reacomodado segundo uma lógica de rede, cujos núcleos estruturais são justamente os centros globais. Por outro, as cidades tornam-se objeto de novos e intensos fluxos de população e de uma profunda redistribuição da renda: seja nos bairros nobres, com a formação de uma elite global móvel e altamente profissionalizada, seja nos bairros populares, com a ampliação dos cinturões periféricos, onde se junta uma enorme quantidade de populações deserdadas. Em suma, a cidade socialdemocrata que se afirmou no segundo pós-guerra torna-se ameaçada em suas fundações, pois o tecido social é submetido a intensas pressões que produzem uma verticalização crescente: os ricos tendem a se tornar ainda mais ricos, desfrutando as oportunidades disponibilizadas pela ampliação dos mercados, enquanto os mais pobres afundam na miséria, destituídos de sistemas de proteção social.

O efeito desse duplo movimento é evidente na vida cotidiana de quem mora na cidade contemporânea: enquanto os bairros centrais são valorizados e tornam-se objeto de grandes investimentos urbanísticos, outras áreas são cor-

roídas pela degradação e tornam-se marginais. Quem possui recursos econômicos ou tem condições de deslocar-se tenta se defender criando verdadeiros enclaves, nos quais a proteção é garantida por empresas privadas de segurança, ou transferindo-se para áreas mais tranqüilas e nobres. Os mais pobres (ou seja, aqueles que são obrigados a permanecer onde estão) são forçados, ao contrário, a suportar as conseqüências mais negativas das mudanças. Isso só pode gerar um crescente e difuso sentimento de medo.

Dilacerada por essa tensão, a classe média corre o risco de acabar vítima de um processo que não controla e não conhece, e de perder o bem-estar conquistado no decorrer das últimas décadas.

Se essa é a dinâmica estrutural a que estão sujeitas as cidades, não surpreende que alguns especulem com o medo, transformando-o na base de uma política de controle e repressão. A curto prazo, o jogo parece funcionar: a ação repressiva e as reivindicações comunitárias servem apenas para tornar mais suportável uma transformação que se processa fundamentalmente fora de qualquer controle.

A questão é: será possível fugir desse destino? Será possível, na situação atual, percorrer outro caminho?

Não se trata aqui de dar resposta a uma pergunta tão complexa e que há de nos acompanhar ainda por muitos anos. Diante das mudanças com as quais nos confronta-

mos, seria ingênuo pensar numa resposta imediata. Para reconstruir equilíbrios socialmente aceitáveis, precisamos de tempo, paciência e empenho.

A maneira mais proveitosa de utilizar o modelo teórico que Bauman traça em seus ensaios é empregá-lo sobretudo para analisar a especificidade dos casos concretos e, em seguida, tentar intervir sobre eles. Tendo em mira esses objetivos, é interessante fazer referência a um caso particular – o da cidade de Milão.

A capital da Lombardia é, a justo título, uma cidade global, embora não pareça se dar conta disso. Inserida nas grandes redes mundiais, Milão é um dos centros mais importantes do continente europeu e constitui um núcleo estratégico em relação a inúmeras áreas de atividade: da pesquisa às finanças, do setor terciário avançado à inovação.

Tradicionalmente, Milão é uma daquelas cidades que se distinguem por um grau relativamente alto de integração social, pelo menos quando comparada a cidades semelhantes. Mas não lhe faltam problemas. Nos últimos anos, os índices de pobreza aumentaram de modo constante e algumas áreas periféricas começaram a sofrer um processo evidente de degradação. Da mesma forma, sabemos que crescem os processos de marginalização dos mais pobres (desempregados por longos períodos, psicologicamente fragilizados, sem-teto), ao mesmo tempo que a integração

dos extracomunitários* torna-se um processo muito difícil, cada vez mais árduo, em razão de um clima cultural que esconde cada vez menos a impaciência e o estorvo.

Desse ponto de vista, Milão está diante de uma encruzilhada: ou resolve conservar, renovando-a, a própria tradição, para continuar a ser uma cidade capaz de integrar os diversos grupos sociais e de fazer dessa integração um fator de desenvolvimento, ou terá de se conformar em reforçar as dinâmicas estruturais a que Bauman se refere, para transformar-se numa cidade dividida. Em outras palavras: Milão pode tentar ser um laboratório da construção de uma via original rumo à globalidade, recriando as condições de confiança e respeito recíproco, ou pode se limitar a seguir o caminho da fragmentação e do medo que tantas cidades já começaram a percorrer.

Uma das qualidades das reflexões que Bauman tem nos oferecido ao longo de todos esses anos – e que veremos confirmadas nas páginas que se seguem – é a capacidade de jamais fechar o discurso, deixando sempre aberto o campo das possibilidades. Creio que, nesse sentido, Bauman é efetivamente um autor pós-moderno. As cidades globais têm um destino: pelo menos enquanto não se li-

* Indivíduos originários de países que não fazem parte da União Europeia. (N.T.)

mitarem a pensar apenas em si mesmas e em seu futuro. Mas é justamente a lógica do pensamento de Bauman que nos leva a compreender que não existem determinismos na vida social. Isso se os atores sociais enfrentarem a realidade e exercitarem até o fim sua capacidade de ação – que é, afinal, a capacidade de modificar o curso dos acontecimentos a partir de novos investimentos nas relações e nos vínculos, entendidos como elementos essenciais na construção de um novo capital social. Não de modo ingênuo, mas segundo uma reflexão contínua e séria sobre as condições do próprio agir.

MAURO MAGATTI*

* Diretor do Departamento de Sociologia, Università Cattolica del Sacro Cuore, Milão.

Viver com estrangeiros*

Senhoras e senhores,

Envergonho-me um pouco de mim mesmo, de minha profissão. Sou alguém que fala a respeito de coisas, e agora estou diante de pessoas que fazem coisas de verdade, fazem com que elas aconteçam. Portanto, tentarei ser breve para não lhes roubar muito tempo, mesmo porque não seria possível falar de modo exaustivo sobre o tema que nos preocupa: ver, reconhecer e resolver os problemas da convivência. Viver numa cidade significa viver junto – junto com estrangeiros. Jamais deixaremos de ser estrangeiros: permaneceremos assim, e não interessados em interagir,

* Transcrição de conferência proferida por Zygmunt Bauman no congresso Confiança e Medo na Cidade, que teve lugar em Milão, em março de 2004.

mas, justamente porque somos vizinhos uns dos outros, destinados a nos enriquecer reciprocamente.

Senhoras e senhores, gostaria de falar de um paradoxo absolutamente relevante nos nossos dias, um paradoxo – volto a sublinhar – lógico, e não psicológico. Ele não é válido do ponto de vista psicológico, mas certamente o é do ponto de vista lógico. Trata-se do seguinte: quanto mais o espaço e a distância se reduzem, maior é a importância que sua gente lhe atribui; quanto mais é depreciado o espaço, menos protetora é a distância, e mais obsessivamente as pessoas traçam e deslocam fronteiras. É sobretudo nas cidades que se observa essa furiosa atividade de traçar e deslocar fronteiras entre as pessoas.

Fredrik Barth, o grande antropólogo norueguês contemporâneo, destacou que – ao contrário da equivocada opinião comum – as fronteiras não são traçadas com o objetivo de separar diferenças. Ao contrário, justamente porque se demarcam fronteiras é que, de repente, as diferenças emergem, que as percebemos e nos tornamos conscientes delas. Melhor dizendo, vamos em busca de diferenças justamente para legitimar as fronteiras.

Pois bem, senhoras e senhores, olhem bem ao redor – olhem à direita, à esquerda, para trás e para a frente –, e verão outros indivíduos, sentados como os senhores e as senhoras. Desafio-os a encontrar alguém que seja exatamente

te igual a cada um de vocês. Somos feitos apenas de diferenças, todos nós; existem milhares de homens e mulheres no planeta, mas cada um deles é diverso dos outros. Não existem indivíduos totalmente idênticos, isso é impossível. Existimos porque somos diferentes, porque consistimos em diferenças. No entanto, algumas delas nos incomodam e nos impedem de interagir, de atuar amistosamente, de sentir interesse pelos outros, preocupação com os outros, vontade de ajudar os outros. E, não importam quais sejam essas diferenças, o que as determina é a natureza das fronteiras que traçamos. Cada fronteira cria suas diferenças, que são fundamentadas e relevantes.

Por isso, se queremos compreender as nossas diferenças e as dificuldades que criam, é preciso formular novas questões. Antes de tudo, por que essa obsessão em demarcar fronteiras? A resposta é que, hoje, essa obsessão deriva do desejo, consciente ou não, de recortar para nós mesmos um lugarzinho suficientemente confortável, acolhedor, seguro, num mundo que se mostra selvagem, imprevisível, ameaçador; de resistir à corrente, buscando proteção contra forças externas que parecem invencíveis e que não podemos controlar, nem deter, e menos ainda impedir que cheguem perto de nossas casas, de nossas ruas. Seja qual for a natureza dessas forças, todos as conhecemos pelo nome – esclarecedor, mas desviante – de

globalização, ou (como preferia um amigo meu, Alberto Melucci) “planetarização”.

Hoje, neste planeta, todos dependemos uns dos outros. No entanto, ninguém assume a responsabilidade, ninguém detém o controle do que chamamos “espaço global”. Quando se pensa nesse espaço, o que nos vem à mente é algo semelhante a um faroeste hollywoodiano, a um oeste selvagem em que as pessoas se comportam de maneira inesperada, e onde, na verdade, os vencedores são os que escapam primeiro do campo de batalha, e não os que nele permanecem. É um espaço selvagem, e os milaneses – com os meios de que dispõem – certamente não poderiam se opor ao espaço global, que está fora de seu controle.

Permitam-me organizar um pouco as coisas. As diferenças que se tornam significativas e importantes em decorrência da natureza da fronteira, e as intenções que estão por trás dessa fronteira, são diferenças atribuídas a pessoas que demonstram a indecente tendência a ultrapassar as fronteiras e aparecer de surpresa em locais para os quais não foram convidados; um tipo de gente do qual muitos de vocês se defenderiam com circuitos fechados de televisão, se mais não fosse, para ver quem está passando na rua.

Em meu país, a Inglaterra, existem agências de vigilância. Sabemos que os vigilantes do bairro estão de servi-